Alchornea glandulosa Poepp. & Endl.

(maria mole , tamanqueiro, tanheiro de folha longa, tapiá)

Família: Euphorbiaceae

Sinônimos: *Alchornea glandulosa var. genuina*

Endêmica: não[5]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta de Terra Firme, Floresta Ombrófila), Cerrado (Cerrado), Mata Atlântica (Floresta Ciliar, Restinga)[5]

Recomendação de uso: Restauração

A Maria mole possui hábito arbustivo arbóreo e seus frutos abrem-se quando maduros, expondo as sementes que são cobertas por um arilo vermelho vivo. Essa espécie pode atingir até 25 m de altura, porém não é endêmica do Brasil.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (construção civil, lenha), produtos não madeireiros (medicinal)[7,3]

Características gerais

Porte: altura 10.0-20.0m DAP 50-80cm[6,7,9]

Cor da floração: verde[2]

Velocidade de desenvolvimento: Rápida[3,11]

Persistência foliar: Perenifolia[7,6,8]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Umbeliforme[2]

Diâmetro da copa: 15-40m[1]

Alinhamento do tronco: Tortuoso[10,12]

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)[8,9]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas[9,6]

Seletiva higrófita

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Clímax[7,4,6,8]

Polinizadores: Insetos, principalmente abelhas.[4,3]

Período de floração: maio a novembro[6]

De maio a junho e outubro a novembro.

Tipo de dispersão: Zoocórica[9,4]

Agentes dispersores: Aves[3,4]

Período de frutificação: setembro a janeiro[7]

De setembro a outubro e de dezembro a janeiro.

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[6]

Colher os frutos diretamente das árvores quando os mesmos tiverem abertura espontânea. Levar ao sol para completar a liberação da semente.

Tipo de semente: Recalcitrante[11]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento[11]

Produção de mudas: Canteiros[6]

Pode ser por: Estaca; Semente; Plantio direto. Colocar as sementes para germinação assim que colhidas em canteiros semi-sombreados, com substrato organo argiloso. Deve-se cobri-las com

fina camada do substrato peneirado.

Tempo de germinação: 20 a 50 dias[11]

Taxa de germinação: 40 a 50%[10,11,6]

Número de sementes por peso: 19500/kg[6]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[6,7,8,4]

Heliófila

Bibliografia

[1] SARMENTO, B. M., CORRÊA, B. S., LOURES, L., MOURA, A. S. Avaliação do desenvolvimento de mudas nativas em uma área paludosa, no município de Inconfidentes, MG. Revista Agrogeoambiental, Pouso Alegre, v. 5, n. 2, caderno I, p. 63-82, 2013.

[2] CAZNOK, J. Arborização urbana no município de Criciúma, Santa Catarina: potencialidade das espécies nativas. 2008. 77 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2008.

[3] FLORA DE SANTA CATARINA, Alchornea glandulosa (Tanheiro). Disponível em: . Acesso em 06 de Abril de 2015.

[4] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

[5] CORDEIRO, I.; SECCO, R. Alchornea in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: . Acesso em 06 de Abril de 2015.

[6] LORENZI, H. Arvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil Nova Odessa: Plantarum, v. 2, 1992.

[7] LOPES, F. C. M., Avaliação da atividade antiinflamatória, antitumoral e antiangiogênica de compostos isolados da planta Alchornea glandulosa e de fungos endofíticos a ela relacionados. 2008. 164 f. Tese (Doutorado em biociências e biotecnologia aplicadas à farmácia) Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Araraquara, 2008.

[8] VALENTE, R. M., Comportamento alimentar de aves em Alchornea glandulosa (Euphorbiaceae) em Rio Claro São Paulo. Iheringia, Sér. Zool., Porto Alegre, v. 91, p. 61-66, 2001.

[9] ZIMMERMANN, C. E., Observações preliminares sobre a frugivoria por aves em Alchornea glandulosa (Enol. & Poepp.) (Euphorbiaceae) em vegetação secundária. Revta bras. Zool. v. 13, n. 3, p. 533 - 538, 1996.

[10] CARVALHO, F. A.; NASCIMENTO, M. T.; BRAGA, J. M. A. Composição e riqueza florística do componente arbóreo da Floresta Atlântica submontana na região de Imbaú, Município de Silva Jardim, RJ. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 20, n. 3, p. 727-740, 2006.

[11] VIANNA, A. X. M., Bases para a definição de protocolos para restauração da Floresta Atlântica no litoral norte do Paraná. 2010. 47 f. Dissertação (Monografia - Ciências Biológicas). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

[12] CONEGERO, L. S., IDE, R. M., NAZARI, A. S., SARRAGIOTTO, M. .H., FILHO, B. P. D., NAKAMURA, C. V., CARVALHO, J. E., FOGLIO, M. A. Constituintes químicos de Alchornea glandulosa (Euphorbiaceae). Quim. Nova, Vol. 26, No. 6, 825-827, 2003.